

QUE SE ELEVEM AS VOZES SEM ROSTO...

CN & MJG a propósito dos I Jogos Florais Miguel Torga (2 fevereiro 2013)

Miguel Torga escreveu poemas lindíssimos – não sei se alguns no intervalo das consultas de oftalmologia ou no sossego dos cafés da Praça Rodrigues Lobo, em Leiria – mas eu gosto muito de dizer este aos meus queridos estudantes chineses, do livro *Penas do Purgatório*, na p. 72 da 2.^a ed., de 1954, que herdei entre os livros do altar poético que o meu Pai venerava:

DEPOIMENTO

Não há céu que me queira depois disto,
Nem deus capaz de ouvir-me.
Um homem firme
É firme até no céu,
E até diante
Do Criador!
E o que eu diria se, ressuscitado,
Fosse chamado
A depor!

Eu e a minha querida colega M^a José Gamboa, de olhos fechados e de ouvidos atentos, demos as mãos na nossa escolha e quisemos dar o nosso depoimento. Assim:

1. A poesia de José Costa [JC] é uma poesia de ELEVACÃO: **Elevação das vozes sem rosto.**

Pensar é uma forma de elevação. E o pensamento poético de JC eleva o seu leitor, interpelando-o num “tu” inominado, tocando-o, convidando a sentir no corpo do seu tríptico poético ELEVACÃO | AS VOZES | SEM ESTE ROSTO, as vozes que o poeta, qual semente avisado, vai semeando e recolhendo.

Neste movimento de procura e de escuta de vozes também inomináveis, o poeta parece desenhar o movimento da criação – um círculo de vida que floresce, enche de luz, de esperança, que acolhe e se evolva. Leveza e ascensão, a luz e o tatear receoso da sua sombra transfiguradora.

No primeiro poema, primeiro quadro do tríptico, o poeta desenha um cartografia de lugares poéticos que o leitor pode associar à imagética do ato criador, do amor. A criação, o amor fazem-se, pelo menos a dois, de mãos dadas - a mão que semeia e a mão que segura “a mão que cultiva as sementes”, “o enlevo das coisas sublimes do amor”, “entre talhes profundos de terra”. Semeador de amores, o poeta, o amador espera(m), guardando o “corpo em retorno” (o amado, o amor da poesia, as suas vozes ...). Um corpo capaz de refazer a esperança, um corpo que toca, tateia o eu interior do criador, do amado, e que permanece como cântico. Um corpo que se faz VOZ.

No segundo poema - *As Vozes* - a imagética da leveza ascendente continua a sustentar o leitor, na presença volátil de vozes que parecem ter corpo e que ascendem - “Há vozes que ascendem indomáveis / Assemelhando-se à chama de uma vela acesa”. O leitor interrogar-se-á sobre a identidade destas vozes. Qual o seu rosto? As vozes de JC são “insubmissas linguagens” “carregando a vida num sopro” e “enchendo os lugares do presente”. Vozes – amor que dão vida, amores do presente, amores fugidios que um dia silenciarão. Vozes frágeis que ardem até ao fim.

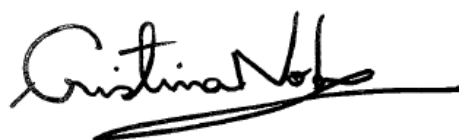
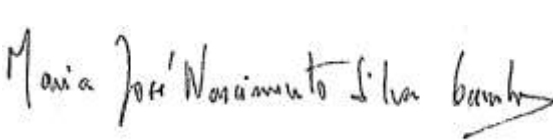
No final deste tríptico, *Sem este rosto*, cruzados os lugares vividos, o peso de uma “ânsia circular da noite”, a prisão “num lugar incontrolável”, sem rosto reconhecido. Pressente-se um sentido de fim, resgatado pela leveza do título do tríptico.

2. A poesia de Afonso Costa [AC] é uma poesia de ILUMINAÇÃO: **Plena Luz**. Com *Abrços*, o silêncio (a melancolia?) acolhe-nos, “na pulsão de um poema inacabado | sobre o mundo de indomável vislumbre” até “as incendiadas cristas de beleza, | feitas de silêncio incessante das noites” fecharem o ciclo, irmão do anterior, num exercício poético – também ele um tríptico muito belo – de uma beleza minimalista.

3. A poesia de Filarmónico [F] é uma poesia de SOBREVIVÊNCIA: **Dor Cruel**. As quadras, de registo popular, exemplificam sofrimentos que são de todos e que a religião e deus e o amor profílicamente nos aliviam, nas nossas mãos trémulas.

4. A poesia de Cotovia [C] é uma poesia de PAGANISMO: **A Natureza**. Acredito que falharam apenas por distração – pois tecnicamente elas estão lá... - as quadras, de registo popular, e desta vez é a natureza-mãe, e o coelhito brincalhão a mostrarem que a fragilidade humana é apenas um pequeno ponto do todo. Daí a nossa MENÇÃO HONROSA, pois é no saber do povo, ingénuo e teimoso, que aprendemos a revelação: e não insistiremos mais em “ser intrusos”!

Gratas à Junta de Freguesia de Leiria e à nossa instituição, o IPL, saudamos estes poetas vivos e abraçamo-los,

 . 

CN & MJG
S. Pedro de Moel, 2 fevereiro 2013.